

VOCARE

O termo **vocação** tem ressoado insistentemente em nossa Zona Franca. Como antiga catilinária romana, parece ter o mesmo direcionamento da intenção definida naquele passado e difere do processo remoto porque lá era repetido por apenas um senador. Aqui há um revezamento de atores, embora não quanto ao alvo e objetivos claramente identificáveis. Uma ideia incômoda e desgastada, que insiste em ser repetida e veiculada, mesmo quando argumentos convincentes procuram descartá-la. Todavia tal ideia nunca é examinada para as próprias regiões que a tomam e vem sempre em direção contrária a uma única outra região. Vejamos conceitualmente o significado dessa expressão verbal: *“Inclinação, propensão, tendência ou disposição para um determinado estado previsto em uma ordem natural. Dom inato a uma individualidade”*. Por que não segui-lo? Estaria, então, vinculada ao humano alcance de condições econômicas de uma sociedade inteira pelas vantagens locais próprias da natureza onde habitam? Desvelar que a vocação tem uma e somente uma dimensão cultural histórica? Qual seria, por exemplo, a vocação dos EUA vista pelo seu passado? Seria a produção de algodão com a mão de obra negra e escrava? A caça ao bisão? A de guerrear contra nativos índios por ocupação de território já habitado? E a do Japão? Território montanhoso com tradicional cultura de plantação do arroz e da indústria do pescado? Durante muitos anos, no passado, a rizicultura foi a principal atividade econômica do Japão. Suas reservas de cobre, zinco, chumbo, carvão mineral, quedas d'água e outras mais são extremamente pequenas. O Japão aceitou os limites todos que a natureza lhe impôs? No mesmo canal de raciocínio, qual seria a vocação de São Paulo? A caça para a escravização de índios pelos bandeirantes? Um pouco mais recente a cultura do café? E a do Rio de Janeiro: a importação e o comércio de negros escravos? Será que o Estado de Minas Gerais iria contentar-se em ser unicamente produtor de queijo e leite? Esses produtos não seriam, portanto, a sua intensa vocação? Pernambuco sofreu um enorme atraso econômico porque esperou ter como solução suas não modernizadas usinas de açúcar! Aquele Estado, hoje, volta a recuperar-se pela criação inteligente de serviços de tecnologia da informação e pela industrialização alimentada pelo complexo de SUAPE. Será que a sociedade humana vem aceitando os limites de vida impostos pelas condições naturais, principalmente para aqueles agrupamentos não contemplados com abundância de tais dons? Será que essas sociedades mencionadas, mesmo pelo desenvolvimento de exigentes tarefas árduas e penosas, não lutaram para modificar um destino prescrito? Felizmente, pode-se verificar que vocação também significa **talento e escolha**. O discernimento dos governantes da era de 1964 fez criar e empregar um mecanismo poderoso, que deu salvaguarda à defesa de nossas fronteiras e motivou a preservação quase intacta de uma rica floresta natural, que, fora das divisórias do estado do Amazonas, ou não mais existe, ou está seriamente ameaçada. Somou-se a tal propósito a habilidade inata da gente cabocla para assimilar quaisquer processos de produção de bens, por mais complexos e avançados que se mostrem. E já se atingiram 44 anos de atuação em diversificadas atividades, com a fabricação de bens nobres, não prejudiciais ao meio ambiente, com a mais moderna tecnologia de ponta até hoje empregada em qualquer parte do mundo e com alto valor agregado. Nesse longo período de atuação, foi mostrada a capacidade dos nossos habitantes a quem a desejasse conhecer. Assim, o Parque Industrial amazonense engloba variação, que vai dos eletroeletrônicos ao polo de duas rodas, além de tantas outras produções de qualidade. Atentando para o histórico registrado nesse lapso de tempo, não há dúvida de que é esse vetor da vocação do estado do Amazonas para produzir bens econômicos, de modo competitivo com qualquer lugar do Planeta. Não importa que se tenham tantas outras vocações, como potencialidades para a bioindústria, para a produção de cosméticos, para fitoterápicos, para o aproveitamento de medicamentos ainda não conhecidos, que poderão surgir de aprofundados estudos de tão heterogênea floresta natural. Há muitos códigos a decifrar para legítimas e legais produções de riqueza no nível do conhecimento

científico atual ainda não realizável. Entretanto, na realidade, esta região distingue-se por invulgar potencial econômico, que não poderá ser extinto ou reprimido, visto que necessita de pesquisa e de tempo para a consumação. O Amazonas produz, remunera significativa mão de obra e paga impostos mais que todos os outros Estados do Norte. Funciona bem e perfeitamente. E essa é a nossa escolha.

Manaus, 5 de julho de 2011.

Antônio Iran Gadelha – Assessor Técnico do DDR